Dia 19 — São Pedro de Alcântara, Confessor

Martirológio Romano

São Pedro de Alcântara, confessor, da Ordem dos Menores, em Arenas, vila da Espanha; o qual, por sua maravilhosa penitência e muitos milagres, foi canonizado pelo papa Clemente IX. (Veja-se sua vida hoje.)

O martírio dos santos mártires Ptolomeu e Lúcio, em Roma, no tempo de Marco Antonino; o primeiro dos quais, segundo escreve São Justino mártir, tendo convertido uma mulher impúdica à fé de Cristo e ensinando-lhe a viver castamente, foi acusado por seu malvado marido ante Urbício, prefeito; tiveram-no largo tempo padecendo entre a imundície do cárcere e por último, como perseverasse dando público testemunho da doutrina de Cristo, o martirizaram. Lúcio também, como desaprovasse a sentença de Urbício e confessasse valorosamente que era cristão, foi igualmente martirizado. Juntamente com estes dois foi martirizado assim mesmo outro Santo.

Os santos mártires Verônico e Pelágia ou Pelaia, virgem, com outros quarenta e nove, em Antioquia.

São Varo, soldado, no Egito; o qual, no tempo do imperador Maximiano, visitando sete santos monges que estavam presos e levando-lhes de comer, achando morto um deles pôs-se em seu lugar; e sofrendo em companhia dos outros muito cruéis tormentos, conseguiu a palma do martírio.

São Aquilino, bispo e confessor, em Évreux.

A ditosa morte de São Verano, bispo, na diocese de Orleans.

São Eustério, bispo, em Salerno.

Santo Enuíno ou Eaníxo, abade, na Hibérnia. (Viveu por espaço de vinte anos numa cela que ele mesmo havia fabricado em meio de um bosque na Irlanda. Foi famoso por suas austeridades e milagres e morreu a fins do século VI.)

Santa Fredesvinda, virgem, em Oxford, na Inglaterra. (Esta Santa foi honrada em Oxford como padroeira da cidade e de sua universidade. Era filha de Didan, príncipe de Oxford e território

adjacente. Tendo dedicado sua virgindade a Deus no estado monástico, Algar, príncipe de Mércia, prendado de sua beleza, determinou raptá-la. A Santa burlou suas ciladas escondendo-se e diz-se que o Príncipe ficou milagrosamente cego ao entrar na cidade e logo recobrou a vista com seu arrependimento e a intercessão da Santa. Morreu antes do século VIII, esclarecida com muitos milagres, e a igreja em que foi sepultada se fez famosa pelo tesouro de suas relíquias.)

São Pedro de Alcântara, Confessor

São Pedro de Alcântara, tão célebre em toda a Igreja pelo sublime dom de oração a que o Senhor o elevou e pelo rigor de suas assombrosas penitências, de que nos deixou tão admiráveis exemplos, nasceu no ano de 1499 na vila de Alcântara, povo pouco numeroso da província da Extremadura, na Espanha, que comunicou seu nome a nosso Santo, servindo-lhe de apelido. Foi seu pai D. Afonso Garavito, hábil jurisconsulto e corregedor da mesma vila; sua mãe D. Maria Villela de Sanabria; os dois de muito antiga e qualificada nobreza e um e outro de uma virtude tão sólida como exemplar. Considerando ambos como uma das mais essenciais obrigações dos pais a cristã educação de seus filhos, dedicaram-se a criar Pedro no temor santo de Deus, com tanto maior gosto e com tanto maior consolo quanto desde logo descobriram no menino uma belíssima índole e umas inclinações, por dizê-lo assim, naturalmente cristãs. Antecipou-se à razão a devoção, prevenindo-o a graça tão extraordinariamente que se achou dotado do dom de oração ainda antes de ter idade para saber fazê-la. Quer estivesse na igreja, quer em casa, sempre se lhe via orando, sendo a oração o único entretenimento de sua meninice; presságio certo da eminente santidade a que chegou com o tempo.

São os estudos ordinário escolho da juventude; mas a virtude de Pedro de Alcântara se aperfeiçoou neles, resplandecendo mais o candor de sua inocência. Ia-se fazendo mais santo ao passo que se ia fazendo mais sábio nas letras humanas e na filosofia. Enviaram-no a Salamanca a estudar o direito canônico; e ali estabeleceu uma vida tão regulada, distribuindo as horas na igreja, nas escolas, no hospital e em seu estudo, que os mestres da universidade o propunham aos demais professores por modelo de virtude, de aplicação e de aproveitamento. Voltado a Alcântara, fez quanto pôde o inimigo da salvação para manchar sua inocência e para derrubar sua virtude. Achando-se numa idade onde tudo é tentação, jovem, bem disposto, cheio de vivacidade e de fogo, conheceu o perigo, descobriu o inimigo e tomou as armas contra ele, recorrendo à oração, à frequência de Sacramentos, à devoção da santíssima Virgem, à fuga das ocasiões; mas singularmente ao exercício da mais rigorosa penitência. Cessou a tentação da carne; mas entrou a relevá-la a da ambição. Tudo concorria a lisonjear suas esperanças com a grande fortuna que se podia prometer, já na profissão das letras, já no exercício dos primeiros cargos; mas fez-lhe Deus a mercê de que descobrisse o artifício do inimigo e de que o vencesse; porque, conhecendo que o mundo estava cheio de escolhos, determinou refugiar-se ao asilo da Religião. Escolheu a do seráfico Padre São Francisco e tomou o hábito no convento de Manjarrés, sito numa áspera montanha. Quis o Senhor autorizar a resolução do santo jovem com um insigne milagre; porque, não encontrando barca para passar o rio Tera, achou-se de repente à outra margem por ministério de um Anjo.

Tinha somente dezesseis anos quando entrou no noviciado e em menos de seis meses mereceu que o propusessem aos demais como verdadeiro modelo da perfeição religiosa. Sobretudo, sua mortificação assombrou os professos mais antigos. Comia pouquíssimo e mal dormia nada; nenhuma dificuldade encontrava nas mais rigorosas penitências. Era muito engenhoso o amor que tinha às humilhações, inventando cada dia novos modos, novas indústrias para ser menosprezado e sendo este o maior objeto de suas ânsias. Achava suas maiores delícias na mais estreita pobreza, não parecendo possível desprendimento mais absoluto de tudo. Unido continuamente a seu Deus, nenhuma coisa era capaz de distraí-lo; sendo sucessivamente sacristão, porteiro, refeitoreiro e despenseiro, cumpria exatamente com todos estes ofícios e acrescentava de supererrogação os mais baixos, os mais humildes e os mais repugnantes da comunidade, superando seu fervor a todos eles.

O pacto que havia feito com seus olhos não se limitava precisamente às pessoas de outro sexo; pode-se dizer que se estendia a qualquer objeto que não fosse absolutamente indispensável. Toda a vida andou com os olhos baixos; de maneira que nunca soube se o coro ou o dormitório eram de abóbadas nem de que matéria era o teto de sua cela. Aos religiosos do convento somente os conhecia pela voz e à força de mortificar seus sentidos havia perdido o uso deles.

Poucos meses depois de sua profissão a obediência o enviou a um convento muito solitário e ali fabricou uma cela que o era só no nome; mas parecia sepultura na realidade. Nela deu princípio àquele exercício de penitência que verdadeiramente horroriza e mal se faria crível se não o autorizasse o testemunho da bula de sua canonização. Seu jejum era contínuo: comia uma só vez de terceiro em terceiro dia e algumas se passavam oito dias inteiros sem tomar alimento. Duas vezes ao dia despedaçava cruelmente seu corpo com umas disciplinas de ferro: trazia continuamente a raiz das carnes um cilício de arame em figura de ralo, cujas agudas pontas pela parte de dentro não só lhe penetravam a pele, mas lhe renovavam sem cessar as chagas que lhe havia feito a disciplina. Ainda que sua comida se reduzia a uns pobres legumes sem condimento, e o mais ordinário a um pedaço de pão duro, bastava-lhe sentir algum gosto no que comia para desazoná-lo ao instante, misturando-o com cinza. Mas o que mais lhe custou (como ele mesmo o confessou depois a Santa Teresa) foi vencer o sono. Esta era a pensão da vida que se lhe fazia mais insuportável; porque dizia que só o sono nos priva da presença de Deus, o que não fazia nem ainda a mesma morte. Dormia não mais que hora e meia e por espaço de quarenta anos o fazia ou de joelhos ou meio em pé, arrimando a cabeça à parede. O restante da noite o passava em oração, acrescentando sempre a ela alguma nova penitência. Era sua cela tão baixa, tão estreita e tão curta que não podia estar nela em pé nem estendido a seu comprido. Agradava-lhe muito a mortificação ocasionada pelas incomodidades que traz consigo a variedade dos tempos e das estações do ano. Naquela serra onde estava o convento é sempre muito rígido o inverno e no mais rigoroso dele deixava aberta a janela da cela. Andava de contínuo com os pés descalços e sempre com a cabeça descoberta, por respeito (como dizia o mesmo Santo) à presença de Deus, que está em todas as partes. Bem se pode assegurar que ninguém o excedeu na mortificação e assim parecia um esqueleto animado. É verdade que o desforravam vantajosamente da contínua violência que se fazia os celestiais consolos com que sem cessar inundava o Senhor sua puríssima alma. Poucos Santos se têm visto que houvessem sido elevados a mais sublime dom de oração. Era esta um êxtase quase contínuo, comunicando-se-lhe Deus nela extraordinariamente e dando-lhe a gostar com antecipação as delícias da glória.

Não era razão que estivesse debaixo do alqueire tão sobressaliente virtude; pelo que aos vinte anos de sua idade, e antes de poder receber as sagradas ordens, os superiores o fizeram guardião de Badajoz. Não foi esta a menor mortificação para um homem tão humilde. Como era o mais moço de todos os seus súditos, pareceu-lhe que só o haviam feito superior para servi-los a todos; o que facilmente se conheceu pelo que se lhe viu fazer durante sua guardiania, de cuja autoridade só se valeu para reservar-se a si todos os ofícios mais baixos, mais humildes e mais trabalhosos do convento. Logo que entrou nos vinte e quatro anos, os prelados lhe mandaram que se dispusesse a receber as sagradas ordens. Até ali havia sido Anjo na pureza de seus costumes e em todo o tenor de sua vida; mas no altar foi um abrasado Serafim. Mostrava-se-lhe isso saindo-lhe ao semblante aquele fogo divino em que ardia seu coração; e as copiosas lágrimas com que regava o altar eram bom indício das chamas em que o abrasava seu amor. Um ano depois o fizeram guardião do convento de Nossa Senhora dos Anjos; em cujo emprego não achou outro atrativo que a situação do convento, a mais fria de toda a Espanha; oferecendo-lhe os gelos, as neves e as ventanias muitas penitentes indústrias para saciar a fome que tinha de padecer.

Pelo zelo da salvação das almas, inseparável da verdadeira caridade, aceitou o ministério da pregação. Nenhum pregador fez mais fruto. Sobre o talento natural e um fundo de sabedoria enriquecido com aquelas superiores luzes que eram fruto de sua íntima comunicação com Deus e nunca o podem ser do estudo, bastava só sua vista para abrandar os corações mais endurecidos. Convertia só com deixar-se ver; por isso se viam muitas vezes os mais insignes pecadores interromper-lhe seus sermões com lágrimas e dolorosos gemidos. Em meio de seu emprego de superior correu muitos bispados, fazendo em todas as partes imenso fruto e renovando em todas o espírito de penitência.

Não obstante, sempre lhe puxava a inclinação ao retiro, que era, digamo-lo assim, a paixão dominante de nosso Santo; e em virtude dela suplicou aos superiores que o destinassem a algum convento separado de toda comunicação com os seculares. Por dar-lhe gosto fizeram-no guardião de Santo Onofre da Lapa, situado num horroroso deserto, e aqui foi onde compôs o tratado da *Oração e da Contemplação*, tão universalmente estimado e que mereceu tantos elogios a Santa Teresa, a Frei Luís de Granada, a São Francisco de Sales e sobretudo ao papa Gregório XV, tendo-o composto por comprazer a um amigo seu que lhe rogou que lhe desse por escrito as regras para ter bem oração, o que tantas vezes lhe havia explicado verbalmente. Mal saiu de suas mãos aquela obra quando se estendeu por toda a Espanha e se viu andar nas mãos de todos, com tanta reputação de nosso Santo que os povos clamavam à porfia por ele, ansiosos de ouvir de sua boca as verdades da salvação. Particularmente o rei de Portugal D. João III fez tantas instâncias com os superiores para ver em sua corte aquele grande servo de Deus que, apesar de todas as razões que alegou, viu-se precisado a empreender aquela viagem. Fê-la a pé e descalço como costumava e não é fácil explicar o muito bem que fez naquela corte. Viram-se nela alguns dos maiores senhores renunciar ao mundo e buscar nas mais austeras religiões caminho seguro e compendioso para sua salvação. A infanta D. Maria, irmã do Rei, não contente com desterrar de sua pessoa e de seu quarto tudo o que cheirava a espírito de mundo, galas magníficas, móveis suntuosos e profanas diversões, consagrou-se totalmente a Deus com os três votos de religião por conselho de nosso Santo. O infante D. Luís, irmão da mesma Princesa, fundou o convento de Salvaterra e encerrou-se nele, passando o resto de seus dias em todos os exercícios religiosos, com tão fervorosa devoção que foi o exemplo de todo o reino. Fez-se quanto se pôde para detê-lo em Portugal; mas o tinha

destinado a divina Providência para a reforma de sua Ordem. Depois de haver sossegado com sua presença e com seus prudentes ofícios as turbações que se suscitaram em Alcântara, chegou-lhe o aviso de que sua província o havia nomeado por provincial. Em vão pretendeu escusar-se alegando que não tinha quarenta anos; ninguém o teve por demasiadamente moço para o emprego. Obrigaram-no a aceitar o emprego, o qual desempenhou com tanto acerto como poderia o homem mais experimentado. Valeu-se desta nova autoridade para introduzir em sua província certas regras que só o conceito de sua virtude pôde lograr que fossem aceitas e recebidas; mas sua grande obra era a reforma da Ordem, que havia tempo andava meditando.

Empreendeu-a, movido do ardente desejo que muito de antemão lhe havia inspirado o Senhor de ver ressuscitado em seu primeiro vigor o primitivo espírito da regra de São Francisco. Não ignorava que era assunto mais árduo reformar uma Religião que fundá-la; mas atropelou por todas as dificuldades, persuadido de que era Deus o autor daquele intento. Tendo-se-lhe agregado alguns religiosos dos mais virtuosos e exemplares, foi lançar os primeiros alicerces da província reformada na Arrábida, em Portugal, perto da embocadura do Tejo. É a Arrábida uma fragosa e continuada serra; e isto era justamente o que buscava nosso Pedro. Ajudado com as esmolas e com a autoridade do duque de Aveiro, levantou nela um convento, cujas celas, pela maior parte, se fabricaram nas cavernas dos penhascos; e este foi o princípio daquela célebre reforma que, ressuscitando o espírito de mortificação e de extrema pobreza que professou o seráfico Padre São Francisco, dá à Igreja uma nova família de Anjos mortais, cujo espírito de solidão, de devoção, de penitência e de tudo o mais perfeito que ensina a Religião é ainda o dia de hoje objeto de admiração e de veneração a todos os fiéis. No ano de 1554 teve princípio esta reforma, para cujos louvores não encontrava expressões correspondentes a seráfica mãe Santa Teresa e cujas regras confirmou por Breve expresso e particular o papa Júlio III. O bispo de Coria cedeu a nosso Santo uma ermida dentro de seu bispado, na qual esteve algum tempo com um só companheiro, espalhados os demais por várias partes à violência da tempestade que suscitou o inferno contra aquela grande obra. Dali empreendeu Pedro a viagem de Roma, fazendo-a toda a pé descalço e com a cabeça descoberta, como costumava. Obteve segundo Breve do Papa e Letras patentes de seu geral para fundar novos conventos segundo a estreita reforma. Voltou à Espanha e fundou um no Pedroso, tão reduzido e tão estreito que mais parecia fábrica de sepulturas que de celas. A que escolheu para si, como prelado, era das mesmas dimensões que as de outras partes, tão baixa, tão estreita e tão curta que não podia estar nela senão de joelhos, encurvado ou em outra molesta postura.

Crescendo cada dia a reputação de nosso Santo, mal houve naquele tempo pessoa de virtude sobressaliente que não solicitasse sua correspondência ou ao menos ter parte em suas orações. Santa Teresa o consultava no que se lhe oferecia. São Francisco de Borja estreitou uma fina amizade com aquele grande servo de Deus e em toda a Espanha ressoava com admiração o nome de Frei Pedro de Alcântara. Quando o imperador Carlos V estava meditando seu retiro ao mosteiro de Yuste, resolveu tomá-lo por seu confessor; mas o Santo se escusou com tão boas razões que o Imperador se rendeu a elas. Mais eficaz foi seu geral. Nomeou-o comissário-geral da Espanha para a reforma; cujo emprego desempenhou com tanta felicidade que teve o consolo de receber dois Breves do papa Paulo IV confirmando seu Instituto e o de ver em menos de seis anos fundados nove conventos.

Havia tempo que São Pedro de Alcântara vivia, digamo-lo assim, de milagre. Extenuado ao rigor de suas excessivas penitências, consumido com seus grandes trabalhos e exausto à força de tão penosos exercícios, caiu gravemente enfermo; e sabendo bem que se aproximava sua última hora, fez-se levar ao convento de Arenas. Recebeu logo os Sacramentos e pouco tempo depois entrou num dulcíssimo êxtase. Apareceu-lhe a santíssima Virgem, acompanhada de São João Evangelista, e o assegurou de sua eterna bem-aventurança, pronunciando então ele mesmo aquelas palavras do salmo 121: «*Lætatus sum in his quæ dicta sunt mihi: in domum Domini ibimus*»: enchi-me de alegria sabendo que hei de ir à casa do Senhor; e entregou docemente sua alma no dia 18 de outubro do ano de 1562, aos sessenta e três de sua idade e quarenta e sete de sua vida religiosa.

Desde o mesmo ponto em que morreu, manifestou Deus a glória de seu servo com muitos milagres. Logo que expirou, apareceu a Santa Teresa rodeado de resplendor e lhe disse estas belas palavras: «Ó ditosa, ó doce penitência que me tem merecido tanta glória!» Seu santo corpo foi enterrado na igreja de Arenas, onde continuamente está Deus fazendo glorioso seu sepulcro pelos milagres que obra cada dia. O papa Gregório XV o beatificou solenemente no ano de 1622 e no de 1669 o canonizou Clemente IX, fixando sua festa ao dia 19 de outubro.

Sendo tão glorioso para nosso Santo o que escreve dele Santa Teresa no capítulo 27 de sua vida, não é razão que se omita neste breve compêndio.

«E que bom no-lo levou Deus agora (diz a Santa) no bendito Frei Pedro de Alcântara! Não está já o mundo para sofrer tanta perfeição: dizem que estão as saúdes mais fracas e que não são os tempos passados. Este santo homem deste tempo era; estava grosso o espírito como nos outros tempos... Parece-me que foram quarenta anos os que me disse havia dormido só hora e meia entre noite e dia, e que este era o maior trabalho de penitência que havia tido nos princípios, o vencer o sono, e para isto estava sempre de joelhos ou em pé. O que dormia era sentado, a cabeça arrimada a um pauzinho que tinha cravado na parede... Em todos estes anos jamais pôs o capuz por grandes sóis e águas que fizesse, nem coisa nos pés, nem vestido, senão um hábito de sarja, sem nenhuma outra coisa sobre as carnes, e um mantinho do mesmo em cima. Dizia-me que nos grandes frios o tirava e deixava aberta a porta e janelinha da cela, para que com pôr-se depois o manto e fechar a porta contentasse ao corpo para que sossegasse com mais abrigo. Comer a terceiro dia era muito ordinário... Um seu companheiro me disse que lhe acontecia estar oito dias sem comer. Devia estar amando em oração, porque tinha grandes arroubamentos e ímpetos de amor de Deus, de que uma vez fui eu testemunha. Sua pobreza era tão extrema e tanta mortificação na mocidade que me disse que lhe havia acontecido estar três anos numa casa de sua Ordem e não conhecer frade senão pela fala, porque não alçava os olhos jamais. A mulheres jamais olhava... Era muito velho quando o vim a conhecer e tão extrema sua fraqueza que não parecia senão feito de raízes de árvores. Com toda esta santidade era muito afável, ainda que de poucas palavras, se não era com perguntar-lhe; nestas era muito saboroso, porque tinha muito lindo entendimento. Foi seu fim como a vida, pregando e amoestando a seus frades... Depois tem sido o Senhor servido que eu tenha mais consolo nele que na vida, aconselhando-me em muitas coisas. Hei-o visto muitas vezes com grandíssima glória. Disse-me a primeira vez que me apareceu: Oh bem-aventurada penitência, que tanto prêmio havia merecido!» Isto é o que escreve Santa Teresa deste grande Santo.

Nota do tradutor

As palavras do original francês soam como se fossem as formais da Santa; mas o que as cotejar com as referidas, que são as mesmas da seráfica mãe, reconhecerá que a versão francesa não foi a mais exata. Por esta razão me apartei dela e copiei o texto de sua língua original. Também há no francês a equivocação de citar o capítulo XVII pelo XXVII na vida da Santa.

Missa (oração)

A missa é em honra do Santo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui beatum Petrum confessorem tuum, admirabilis pœnitentiæ et altissimæ contemplationis munere illustrare dignatus es: da nobis, quæsumus, ut ejus suffragantibus meritis, carne mortificati, cœlestia facilius capiamus. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que vos dignastes ilustrar o bem-aventurado Pedro, vosso confessor, com o dom de uma altíssima contemplação e com o de uma admirável penitência, suplicamo-vos que nos concedais, por sua intercessão e por seus merecimentos, que mortifiquemos nossos sentidos para compreender mais facilmente as coisas celestiais. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 3 de São Paulo aos Filipenses (o impresso traz «1n1»).

Filipenses 3,7-12

> **Latim:** 7 Sed quæ mihi fuerunt lucra, hæc arbitratus sum propter Christum detrimenta. 8 Verumtamen existimo omnia detrimentum esse propter eminentem scientiam Jesu Christi Domini mei : propter quem omnia detrimentum feci, et arbitror ut stercora, ut Christum lucrifaciam, 9 et inveniar in illo non habens meam justitiam, quæ ex lege est, sed illam, quæ ex fide est Christi Jesu : quæ ex Deo est justitia in fide, 10 ad cognoscendum illum, et virtutem resurrectionis ejus, et societatem passionum illius : configuratus morti ejus : 11 si quo modo occurram ad resurrectionem, quæ est ex mortuis : 12 non

> quod jam acceperim, aut jam perfectus sim : sequor autem, si quomodo comprehendam in quo et comprehensus sum a Christo Jesu.

Português: [7] Porém as cousas que me forão lucro, as reputei como perdas por Christo. [8] E na verdade tudo tenho por perda, pelo eminente conhecimento de Jesu Christo meu Senhor: pelo qual tudo tenho perdido, e o avalio por esterco, com tanto que ganhe a Christo, [9] e que seja achado nelle, não tendo a minha justiça, que vem da lei, senão aquella que nasce da fé em Jesu Christo: a justiça que vem de Deos pela fé, [10] para conhecello a elle, e a virtude da sua resurreição, e a communicação das suas afflições: tendo-me conformado a elle na sua morte: [11] por ver se de alguna maneira posso chegar a resurreição, que he dos mortos. [12] Não que a tenha eu já alcançado, ou que seja já perfeito : mas eu prosigo, para ver se de algum modo poderei alcançar aquillo para o que eu tambem fui tomado por Jesu Christo.

Reflexões

Por amor de Jesus Cristo reputei por prejudicial o que parecia vantajoso para mim. Quão pouco usado é o dia de hoje esta linguagem! Quão poucos falam assim! Sem embargo, este foi o testemunho que os discípulos do Salvador do mundo lhe puderam dar de sua fidelidade. Somos nós discípulos de Jesus Cristo? Reconhecer-nos-á por tais este divino Mestre? Vestimos sua libré? E não terá o mundo algum direito para reclamar-nos por seus? Quais são nossas máximas sobre o menosprezo das honras, sobre a inutilidade dos passatempos, sobre a inconstância dos bens criados, sobre o vencimento das paixões, sobre a verdade, sobre a importância da doutrina do Evangelho? Renunciamos no Batismo, por boca de nosso padrinho, as pompas e vaidades do mundo: temos ratificado depois esta solene e sagrada renúncia que se fez então em nosso nome? Ou não é verdade que nossa conduta desmente nossa fé? Acreditam nossos costumes aquilo mesmo que cremos? Honram muito nossa Religião? Somos cristãos? Jesus Cristo é nosso Deus, nosso legislador, nossa cabeça, nosso mestre, nosso guia; pois em que consistirá que sejam mister tantas reflexões para determinar-nos a crer nele, a obedecer-lhe, a imitá-lo e a segui-lo? Em que consistirá que sempre o sigamos com violência ou ao menos com frouxidão e com desgosto? É possível que umas reflexões tão convincentes não nos façam força, que não nos aterrem? Mas e bem: de quem somos discípulos? Meu Deus! Que teríamos que responder, que pensaríamos se neste mesmo ponto fôssemos chamados a dar-vos conta de nossa conduta, a dar-vos razão dos dias que vos havíamos seguido? Não, não nos custaria tanta dor se a houvéssemos de dar dos dias que sacrificamos ao mundo e a seus falsos passatempos. Se o juízo se houvesse de regular por nosso modo de discorrer, a qual dos dois se diria que havíamos escolhido por amo e por mestre? Coisa estranha! Não há coisa mais sábia nem mais santa que a doutrina de Jesus Cristo: sua escola é a escola da salvação e todos nos gloriamos de haver sido educados nela. Mas, bom Deus! Que progressos temos feito nesta escola? E que progressos não temos feito na do mundo, sem embargo de ser tão pernicioso tudo quanto este ensina e que algum dia há de ser matéria desesperada de um eterno, mas inútil arrependimento? É preciso confessar que nossa conduta é um caos, é verdadeiramente um espantoso mistério.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas.

Lucas 12,32-34

> **Latim:** 32 Nolite timere pusillus grex, quia complacuit Patri vestro dare vobis regnum. 33 Vendite quæ possidetis, et date eleemosynam. Facite vobis sacculos, qui non veterascunt, thesaurum non deficientem in cælis : quo fur non appropriat, neque tinea corrumpit. 34 Ubi enim thesaurus vester est, ibi et cor vestrum erit.

Português: 32 Não temais, ó pequenino rebanho, pois que foi do agrado de vosso Pai dar-vos o seu reino. 33 Vendei o que possuis, e dai-o em esmolas. Provei-vos de bolsas, que se não gastão com o tempo, ajun- tai nos ceos hum thesouro, que não acaba: aonde não chega o ladrão, e ao qual não rée a traça. 34 Porque onde está o vosso the- souro, ahi estará tambem o vosso coração.

Meditação

Da suavidade do jugo de Jesus Cristo

Primeiro ponto

Considera que só por amar a Jesus Cristo se fará fácil e suave tudo o que em seu serviço se representa duro e muito dificultoso. A isto se reduziu todo o segredo dos Santos. Este amor lhes fez tão fáceis não somente os preceitos, mas também os conselhos, experimentando grandes consolos no penoso exercício da mais rigorosa penitência. Bom exemplo nos deixou disto o admirável São Pedro de Alcântara. Faz Deus muito amável seu jugo, adoçando-o com o suco interior da justiça e da caridade. Derrama suas castas delícias na prática das virtudes: põe tédio e amargura nos falsos gostos dos sentidos: sustenta o homem contra o homem mesmo; arranca-o, por dizê-lo assim, de sua própria corrupção e o faz forte apesar de sua natural fraqueza. Meu Deus! Que é o que tememos? Deixemos obrar a Deus; entreguemo-nos a ele. Bem pode ser que padeçamos; mas padeceremos com alegria, padeceremos com paz, padeceremos com consolo. Combateremos, é verdade; mas conseguiremos a vitória, mas triunfaremos e, depois de haver combatido, o mesmo Deus nos porá com sua própria mão a coroa. Chorarás; mas serão doces tuas lágrimas e o mesmo Deus acudirá a enxugá-las. Entrarás numa espécie de liberdade verdadeiramente nova e desconhecida do mundo. Ah, e que desdita! Negamo-nos a Deus, que só nos pretende para salvar-nos; e entregamo-nos ao mundo, que só nos solicita para tiranizar-nos e para perder-nos. Oh meu

Deus, livra-me desta funesta escravidão! Só servindo-vos a Vós poderei ser livre; só vossa bondade, só vosso puro amor me poderá pôr em liberdade. Ninguém é verdadeiramente livre senão o que se dedica a vosso serviço; servir-vos a Vós é reinar.

Segundo ponto

Considera quanta é a cegueira daqueles que temem empenhar-se demasiado no amor de Deus. Engolfemo-nos nele: quanto mais se o ama, mais ansiosamente se apetece tudo o que quiser que façamos. Este amor é o que nos consola em nossas desgraças, o que adoça nossos trabalhos, o que nos faz encontrar neles uma espécie de saborosa suavidade que não pode compreender o que nunca a gostou. Este amor é o que desprende nosso coração de todo amor perigoso, o que nos preserva de mil paixões, o que nos faz descobrir certa misericórdia benéfica em meio dos males que padecemos, o que na hora da morte nos põe à vista uma glória, uma felicidade eterna. Este amor é, enfim, o que converte em bens todos os nossos males. Pois como podemos temer empenhar-nos nele demasiadamente? Acaso tememos ser demasiadamente felizes, libertar-nos demasiadamente de nós mesmos? Pois em que nos detemos para arrojar-nos com plena confiança nos braços do Pai das misericórdias e Deus de todo consolo? Ele nos amará e nós o amaremos. Crescendo cada dia seu amor, ele só nos valerá por tudo o demais. Ele encherá nosso coração e só nos fará menosprezar este mundo, digno já de nosso desprezo desde que o olhamos com olhos verdadeiramente cristãos; de nada nos privará senão daquilo que nos faz desgraçados; nada nos obrigará a fazer senão aquilo mesmo que fazemos todos os dias. Aquelas mesmas ações mais ordinárias e mais racionais que fazemos mal, porque não as fazemos por ele, fará que as façamos bem, fazendo-as por obedecer-lhe; até as menores obras de uma vida simples e comum todas se converterão em meritórias; todas se converterão em paz, em consolo, em obras dignas de prêmio: veremos vir a morte com uma segura tranquilidade, porque será para nós princípio da vida eterna; e em lugar de despojar-nos de tudo, de tudo nos vestirá, como diz São Paulo. Oh, que amável é a Religião! Oh, e que ignorantes somos nós em fazer-nos voluntariamente miseráveis, não amando uma Religião tão amável!

Isto está feito, Senhor; já não quero amar outra coisa que a Vós. Amar-vos a Vós com ternura é amar-me verdadeiramente a mim. Oh que doce, oh que santo, oh que justo amor! Vosso amor, Deus meu, converte a mansão desta miserável vida numa como cópia abreviada da feliz estância dos bem-aventurados. Dai-me este vosso amor por vosso divino amor. Assim vo-lo suplico.

Jaculatórias

Quem me poderá jamais apartar do amor de meu Senhor Jesus Cristo? (Rm 8.)

Seguro estou de que nem a morte, nem a vida, nem o presente, nem o futuro, nem outra alguma criatura me poderá nunca apartar do amor de Deus, fundado em Nosso Senhor Jesus Cristo. (Ibid.)

Propósitos

1. De nenhuma coisa se formam no mundo ideias mais desacertadas que da virtude. Representa-se como um país semeado todo de espinhos e de sarças; figuram-se monstros os mais desprezíveis tropeços; todos os retratos que se fazem dela aterram e retraem; parece que todos se comprazem em pintá-la cheia de fealdade e de horror. A só o nome, a só o pensamento de vida cristã e de devoção alvoroçam-se todas as paixões e põem-se em armas os sentidos. Desterra desde hoje todas essas falsas preocupações, tão injuriosas ao Deus a quem servimos, tão contrárias à religião que professamos e tão opostas ao Evangelho que cremos. Quando se te ofereçam à imaginação esses quiméricos fantasmões; quando teu amor-próprio te avultar essas imaginárias dificuldades, ouve a voz de Jesus Cristo, que diz: «Meu jugo é suave e minha carga é leve», e pergunta-te a ti mesmo: meu amor-próprio me diz que este jugo é pesado e amargo; qual dos dois se enganará? Todos os Santos, todos os que o têm levado nos asseguram que é muito doce. Ter-se-ão conjurado todos os Santos para enganar-nos aos demais? Logo a única que se engana é minha imaginação, é meu amor-próprio.

2. Lembra-te daqueles dias de devoção, de observância e de fervor em que a ti mesmo te parecia tão suportável, tão fácil e tão suave o serviço de Deus; daqueles dias em que, cativado daquela paz do coração que gozavas, daquela doce confiança que tudo te alisava, só pensavas em acrescentar a este jugo novas penitências, novas mortificações. Daqui inferirás que, se hoje se te faz ladeira acima, nasce precisamente de tua tibieza e de tua desordem. Volta a teu antigo fervor e gostarás a mesma doçura, experimentando a mesma confiança. Não hás de fazer juízo do que pesam as cruzes senão naquele tempo em que as levas com alento e com fervor.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:53:47 by Admin
Updated 20 November 2026 20:53:47 by Admin